

Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem

Teorias do Texto

Profa. Sheila Vieira de Camargo Grillo

Tópicos do Plano de Ensino

Tópicos do Plano de Ensino

1.1 Enunciação e enunciado

1.2. Subjetividade e alteridade

3ª. Parte de Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem

Para uma história das formas do enunciado nas construções da língua (experiência de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos)

Exemplos de discurso indireto livre na língua francesa

Il protesta: “*son père la haïssait!*”. (Ele protestou: “*seu pai a odiava!*”)

No “discurso direto” seria:

Il protesta et s’écria: “*Mon père te haït!*” (Ele protestou e exclamou: “*Meu pai te odeia!*”)

No discurso indireto:

Il protesta et s’écria *que son père la haïssait*. (Ele protestou e exclamou *que seu pai a odiava.*)

No discurso não propriamente indireto:

Il protesta: “*son père, s’écria-t-il, la haïssait!*”. (Ele protestou: “*seu pai, exclamou, a odiava!*”)

(Esse exemplo de Balzac foi tomado de empréstimo de G. Lerch)

Exemplos de discurso indireto livre na língua francesa

2) “Tout le jour il avait l’oeil au guet; et la nuit, si quelque chat faisait du bruit, *le chat prenait l’argent.*” La Fontaine (Todos os dias ele ficava de espreita; e à noite, se algum gato fazia barulho, *o gato pegava o dinheiro.*)

3) En vain il [le colonel] parla de la sauvagerie du pays et de la difficulté pour une femme d’y voyager: elle [miss Lydia] *ne craignait rien; ele aimait par-dessus tout à voyager à cheval; ele se faisait une fête de coucher au bivouac; elle menaçait d’aller en Asie-Mineure.* Bref, ele avait réponse à tout, car *jamais Anglaise n’avait été en Corse; donc elle devait y aller* (P. Mérimée, “Colomba”). (Em vão ele [o coronel] falou da selvageria do país e da dificuldade para uma mulher de viajar nele: ela [a senhorita Lydia] *não temia nada, ela amava acima de tudo viajar de cavalo; ela fazia a festa de se deitar a céu aberto; ela ameaçava ir à Ásia Menor. Em síntese, ela tinha resposta para tudo, uma vez que a Inglesa jamais havia estado na Córsega; ela devia ir para lá.*)

Exemplos de discurso indireto livre na língua francesa

4) Resté seul dans l'émbraiture de la fenêtre, le cardinal s'y tint immobile, un instant encore [...] Et se bras frémissants se tendirent, dans un geste d'imploration: *“O Dieu! puisque ce médecin s'en allait ainsi, heureux de sauver l'embarras de son impuissance, ô Dieu, que ne faisiez-vous un miracle pour montrer l'éclat de votre pouvoir sans bornes! Un miracle, un miracle!* Il le demandait du fond de son âme de croyant (Zola, *Rome* [Roma]).(Tendo ficado só no vão da janela, o cardeal ficou imóvel, mais um instante [...] E seus braços tremendo se estenderam, em um gesto de súplica: *“O Deus! Pois este médico se ia assim, feliz por salvar o constrangimento de sua impotência, ó Deus, vós não fazíeis um milagre para mostrar o brilho de vosso poder sem limites! Um milagre, um milagre! Ele pedia do fundo de sua alma de crente.*)

Discurso indireto livre nas línguas francesa, alemã e russa

Tobler (1887) “uma fusão peculiar entre os discursos direto e indireto”:

- Do discurso direto empresta o tom e a ordem das palavras
- Do discurso indireto empresta os tempos (imperfeito – simultaneidade de ações no passado) e as pessoas dos verbos (terceira pessoa no lugar da primeira e da segunda)

Posição de Volóchinov sobre Tobler:

- critica o termo “fusão”
- DIL – tendência completamente nova de percepção ativa do enunciado alheio
- Foi necessária uma mudança ou um deslocamento dentro da comunicação sociodiscursiva e da orientação mútua dos enunciados para que se formasse uma percepção essencialmente nova da palavra alheia, posteriormente expressa no discurso indireto livre.
- A forma começa a fazer parte do conjunto das possibilidades linguísticas

Th. Kalepky a respeito do DIL

- Forma nova
- Definição: discurso oculto ou velado
- Sentido estilístico: necessidade de adivinhar quem fala
- Do ponto de vista abstrato e gramatical, é o autor que fala
- Do ponto de vista do sentido efetivo de todo o contexto, é o personagem que fala.

Posição de Volóchinov sobre Kalepky

- Como ninguém começa o processo de compreensão com reflexões abstrato-gramaticais, todos imediatamente entendem que, pelo sentido, é o personagem que fala.
- Aqui fala tanto o personagem, quanto o autor de modo simultâneo
- Nos limites de uma construção linguística são mantidas as ênfases de duas vozes diferentemente orientada.
- O discurso indireto livre é aparente, embora seja ambíguo como Janus.

Bally (1912)

- DIL: espécie nova e tardia da forma clássica do discurso indireto
- DIL se formou do seguinte modo: *Il disait, qu'il était malade* > *il disait: il était malade* > *il était malade (disait-il)*.
- Desaparecimento da conjunção «que» - nova tendência da língua de preferir as combinações oracionais paratáticas às hipotáticas
- Encontra-se em movimento e tende ao discurso direto

Bally (1912)

- *“ó Deus, vós não fazíeis um milagre para mostrar o brilho de vosso poder sem limites!”*

Do DI: pret. Imperfeito “fazíeis”

Do DD: 2^a. p. “vós fazíeis”, “vosso”

Do ponto de vista das formas linguísticas > discurso do autor

Do ponto de vista do sentido > discurso do personagem > fenômeno extralinguístico

Posição de Volóchinov sobre Bally

- Bally insere as formas linguísticas no sistema da língua – objetivismo abstrato
- As formas linguísticas existem nos dicionários e nas gramáticas (e são legítimas)
- A vida começa quando um enunciado encontra outro, apenas na interação discursiva (mediada e literária)
- DIL: as barreiras se rompem e as entonações autorais fluem livremente para o discurso alheio

DIL - Ponto de vista dos vosslerianos

- Foco estilística e figuras de pensamento
- Lerch: “discurso como fato” – vivacidade e concretude da expressão
- Lorck: “discurso vivido” (DD-falado; DI-comunicado) – representação direta da vivência do discurso alheio e da impressão viva dele pelo ouvinte
- O caráter da mensagem será perdido e parecerá que a pessoa fala consigo próprio ou delira
- Representação artística

Exemplo

- Suponhamos que Fausto pronunciasse, em cena, seu monólogo: “Habe nun, ach! Philosophie, Juristerei durchaus studiert mit heißen Bermühn”/**Tenho estudado que desgraça! Filosofia, jurisprudência completamente e com grande empenho.**
- Aquilo que o personagem enuncia em primeira pessoa, o ouvinte vivencia na terceira: “Faust hat nun, ach! Philosophie”. /**Fausto tem estudado, que desgraça! Filosofia.**
- E essa mudança que se realiza no interior da própria vivência perceptiva aproxima estilisticamente o discurso percebido do relato.
- Se o ouvinte quiser agora transmitir a um outro, um terceiro, o discurso de Fausto, ouvido e vivenciado por ele, ele o citará ou literalmente na forma direta “Habe nun, ach! Philosophie”/**Tenho estudado, que desgraça! Filosofia.** ou na indireta: “Faust sagt, dass er leider”/**Fausto diz que ele infelizmente** ou “Er hat leider”/**Ele tem estudado infelizmente.**
- Mas se ele quiser despertar na sua alma a impressão viva da cena vivenciada, ele lembrará: “Faust hat nun, ach! Philosophie”, ou então, já que se trata de impressões passadas: “Faust hatte nun, ach!”/**Fausto tinha estudado, que desgraça!**

- Lorck: DIL – não força suas fantasias a falarem, mas as ouve falando.
- O autor dirige-se à fantasia do leitor
- O autor deseja transmitir diretamente as suas impressões, despertar na alma do leitor imagens e representações vivas
- O autor apenas do ponto de vista da razão que analisa e raciocina

Linguagem para Lorck

- A linguagem é um eterno processo de formação e um acontecimento vivo
- Fantasia – formas ainda vivas dentro da linguagem, nas quais ainda pulsa o processo de formação, que ainda não se transformaram em um meio para a razão
- Aspecto imperfeito – mundo do pensamento em formação
- Aspecto perfeito – caráter fatural-constativo

Exemplo: perfeito/imperfeito

Imperfeito – vivencia de modo demorado e recria a ação referida

L'Irlande poussa un grand cri de soulagement, mais la Chambre des lords, six jours plus tard, repoussait le Bill: Gladstone tombait. (*Revue de d. Mondes*, 1900, maio, p. 159)

“A Irlanda deu um grande grito de alívio, mas a Câmara dos lordes, seis dias depois, rejeitava o projeto: Gladstone caía.” –tom sentimental, sentimento da importância do acontecimento ocorrido

Repoussait/rejeitava – espera tensa

Perfeito: Gladstone tomba – (Gladstone caiu) comunicado seco e oficial

DIL - Ponto de vista de Gertraud Lerch (1922)

- DD e DI - verbo Introdutor (disse, pensou etc.) – autor transfere a responsabilidade do que foi dito ao personagem.
- DIL – omissão do verbo introdutor – o autor representa os enunciados do personagem como se ele mesmo os levasse a sério, como se tratasse de fatos e não apenas do que foi dito ou pensado.
- Empatia do autor com as criações da sua própria fantasia, quando ele se identifica ou se iguala a elas

Como essa forma foi se constituindo historicamente?

- Língua francesa antiga
 - mistura de formas paratáticas e hipotáticas
 - Pontuação embrionária
 - Limites imprecisos entre DD e DI
 - Narrador ainda não sabia fazer a distinção entre as imagens da sua fantasia e o seu próprio “eu” – dissolução do narrador em seus personagens
 - DIL -

Exemplo de DIL na língua francesa antiga

Ellent adunet lo suon element:/ Ela reúne sua energia:

melz sostendriet les empedementz / é melhor suportar os sofrimentos qu'elle perdesse sa Virginitet. / do que perder a sua virgindade.

Poros furet morte a grand honestet. / Foi por isso que ela morreu com grande honra.

- A decisão firme e inabalável da santa está em consonância com a defesa ardente do autor a favor dela.

Idade Média – língua francesa média

- O ponto de vista do narrador é separado com clareza do ponto de vista dos personagens representados.
- O sentimento cede lugar à razão
- A transmissão do discurso alheio se torna impessoal e inexpressiva
- Ouve-se mais o narrador do que aquele que fala

Renascimento

- A transmissão do discurso alheio tende a se tornar mais intuitiva
- O narrador busca se aproximar do seu personagem e estabelecer com ele uma relação mais íntima
- O estilo se caracteriza por uma sequência modo-temporal instável, livre, psicologicamente marcada e inconstante.

Século XVII

- Regras modo-temporais rígidas do discurso indireto
- Equilíbrio harmonioso entre o pensamento objetivo e o subjetivo, entre a análise objetiva e a expressão das impressões pessoais
- Surgimento do DIL de modo consciente como um procedimento estilístico livre

DIL

- Omissão do verbo revela a identificação do narrador com o personagem
- O imperfeito em oposição ao presente do DD e a escolha do pronome (3^a. Pessoa) – o narrador não se dissolve por completo nos sentimentos do seu personagem
- La Fontaine – empatia simpática
- Flaubert – é capaz de se identificar com o odioso e o repugnante, posição vacila entre admiração e repúdio

Análise crítica das ideias de Lorck e Lerch

- Subjetivismo individualista
- Língua: expressão das forças psíquico-individuais e das intenções semânticas individuais
- As intenções subjetivas do falante não existem fora da objetivação material na língua
- A personalidade interior é apenas um ideograma impreciso e instável
- A língua elucida a personalidade interior e a sua consciência, criando-as, diferenciando-as e aprofundando-as

Análise crítica das ideias de Lorck e Lerch

- A personalidade interior é uma palavra externalizada ou internalizada
- A palavra é uma expressão da comunicação social, da interação de personalidades materiais e dos produtores.
- A personalidade interior se forma com a língua.
- A formação da língua é inseparável da formação da comunicação e da sua base material – dialética materialista.

DIL – Posição de Volóchinov

- Combinação das ênfases do personagem (empatia) com as ênfases do autor (distância) nos limites da mesma construção linguística.
- Reconhecemos a palavra alheia sobretudo pela ênfase e entonação do personagem, isto é, pela orientação valorativa do discurso.
- Avaliações alheias interrompem as ênfases e entonações do autor.

Excerto muito característico novamente retirado do poema *Poltava*, de Púchkin:

Mazepa, com tristeza fingida, eleva ao tsar uma voz submissa. *Deus sabe e são todos testemunhas: ele, o pobre hétmã, por vinte anos serviu o tsar com alma fiel; foi coberto pela sua generosidade infinita, elevado às alturas... Oh, como a raiva é cega e insana! Seria possível que ele, no limiar da morte, se iniciasse na doutrina das traições e obscurecesse a glória benevolente? Não seria ele que se recusou com indignação a ajudar Stanislav, com vergonha renunciou à coroa da Ucrânia e enviou por dever as cartas secretas ao tsar? Não seria ele que permaneceu surdo às incitações do khan e do sultão de Constantinopla? Com o esforço, na desgraça, estava feliz em lutar com a mente e o sabre contra os inimigos do tsar branco, sem poupar esforços e a vida; porém hoje o inimigo cruel ousou envergonhar os seus cabelos brancos! Quem seriam eles? Iskra, Kotchubei. Que foram seus amigos por tanto tempo!...*" E, com lágrimas ávidas de sangue, em uma ousadia fria, o vilão exigia a execução deles... Execução de quem? Ancião impiedoso! A filha de quem ele estava abraçando? Porém, com frieza, ele terminou o queixume sonolento do seu coração...

- Tonalidades valorativas de resignação, de queixa chorosa de Mazepa
- Orientação valorativa do contexto autoral com nuances de revolta – pergunta retórica

Um exemplo de interferência de dois discursos, impossível de ser transmitido em voz alta, pode ser encontrado em *O idiota* de Dostoiévski:

E por que ele, o príncipe, não foi até ele agora mas se desviou como se nada tivesse notado, embora os seus olhares se tivessem cruzado. (Sim, os olhos deles se cruzaram! E os dois se encontraram). Ora, há pouco ele mesmo não quis pegá-lo pelo braço e ir junto com ele para lá? Ora, não foi ele mesmo que desejou procurá-lo amanhã e dizer-lhe que estivera na casa dela? Ora, ele mesmo não renegara o seu demônio quando ia para lá, no meio do caminho, quando de chofre a alegria lhe encheu a alma? Ou havia realmente alguma coisa em Rogójin, isto é, em toda a imagem desse homem *projetada hoje*, em todo o conjunto das suas palavras, dos seus movimentos, dos seus atos, dos seus olhares, que poderia justificar os terríveis pressentimentos do príncipe e os cochichos revoltantes do seu demônio? Alguma coisa que lhe deixasse ver por si mesma mas que é difícil analisar e narrar, que é impossível justificar mediante causas suficientes mas que, não obstante, apesar de toda essa dificuldade e essa impossibilidade, produz uma impressão absolutamente completa e irrefutável que se transforma involuntariamente na mais completa convicção?

Convicção de quê (oh, como atormentava o príncipe a monstruosidade, a "humilhação" dessa convicção, "desse vil pressentimento", e como ele se acusava a si mesmo!)?

Fiódor Dostoiévski, *O idiota*, tradução de Paulo Bezerra, São Paulo, Editora 34, 2002, p. 268. (N. da T.)

Conclusões de Volóchinov sobre o DIL

- O surgimento e o desenvolvimento do discurso indireto livre deve ser estudado em ligação estreita com o desenvolvimento de outras modificações também pictóricas dos discursos direto e indireto
- A vitória das formas extremas do estilo pictórico na transmissão do discurso alheio se explica por uma *subjetivação geral e profunda da palavra-enunciado ideológica*
- A palavra categórica ainda existe apenas no contexto científico, a palavra “que vem de si”: a palavra *afirmativa*.

- nas ciências humanas surge a tendência de substituir um enunciado responsável sobre a questão pela apresentação do estado atual dessa questão na ciência com um cálculo e uma síntese indutiva “do ponto de vista que prevalece no presente momento”, que então é considerada como uma “solução” mais sólida da questão.
- O discurso científico das artes, da retórica, da filosofia e das humanidades se torna um reino das “opiniões”, das opiniões pressupostas, e mesmo nessas opiniões sobressai em primeiro plano não aquilo que propriamente se expressa nelas, mas “como” elas são compreendidas de modo individual e típico.

Estudo da palavra segundo Volóchinov

- *formação da própria língua como matéria ideológica, como meio da refração ideológica da existência*
- *reflexo e a refração da formação da natureza e da história na formação da palavra.*
- *a refração da formação social da palavra na própria palavra: a história da filosofia da palavra e a história da palavra na palavra*